

# Modos de Existência que Afirmam a Vida: Enredando Arte, Educação e Filosofia

Modes of Existence that Affirm Life:  
Weaving Art, Education, and Philosophy

Modos de Existencia que Afirman la  
Vida: Entretejiendo Arte, Educación y  
Filosofía

**Benjamin Marins Costa (UFSM-Brasil) <sup>1</sup>**

**Lutiere Dalla Valle (UFSM-Brasil) <sup>2</sup>**

1 Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciado em Artes Visuais pela UFSM. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1256089884300912>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8257-9278> E-mail: [benjaminmarins@yahoo.com.br](mailto:benjaminmarins@yahoo.com.br).

2 Doutor em Artes Visuais e Educação. Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7210555983862366> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8547-7793>. E-mail: [lutiere@dallavalle.net.br](mailto:lutiere@dallavalle.net.br).

## RESUMO

Investigamos, neste artigo, a interseção entre arte, educação e filosofia, destacando a importância dos sonhos e da cosmopercepção indígena brasileira na construção de modos de existência que afirmam a vida. Utilizando a metodologia da a/r/tografia, que integra arte, pesquisa e ensino, refletimos sobre processos criativos e educativos como práticas vitais. A partir das contribuições de Nietzsche (1994) e Foucault (2004) sobre a vida como obra de arte, aliadas às perspectivas de Ailton Krenak (2020) e dos povos Yanomami sobre os sonhos, propomos a educação como um espaço de criação de sentidos e resistência. A análise de oficinas realizadas no Espaço de Arte Contemporâneo, em colaboração com a Casa de los Sueños, em Montevideo, revela como essas práticas promovem a transformação individual e coletiva.

## PALAVRAS-CHAVE

Afirmación da Vida; Artes Visuais; Educação; Modos de Existência; Sonhos.

## ABSTRACT

In this article, we investigate the intersection between art, education, and philosophy, highlighting the importance of dreams and the cosmoperception of Brazilian Indigenous peoples in constructing ways of existence that affirm life. Using a/r/tography as a methodology, which integrates art, research, and teaching, we reflect on creative and educational processes as vital practices. Drawing on the contributions of Nietzsche (1994) and Foucault (2004) regarding life as a work of art, alongside the perspectives of Ailton Krenak (2020) and the Yanomami peoples on dreams, we propose education as a space for the creation of meaning and resistance. The analysis of workshops conducted at the Espaço de Arte Contemporâneo, in collaboration with the Casa de los Sueños in Montevideo, reveals how these practices promote both individual and collective transformation.

## KEY-WORDS

Life Affirmation; Visual Arts; Education; Modes of Existence; Dreams.

## RESUMEN

En este artículo, investigamos la intersección entre arte, educación y filosofía, destacando la importancia de los sueños y la cosmopercepción indígena brasileña en la construcción de modos de existencia que afirman la vida. Utilizando la metodología a/r/tográfica, que integra arte, investigación y docencia, reflexionamos sobre los procesos creativos y educativos como prácticas vitales. A partir de los aportes de Nietzsche (1994) y Foucault (2004) sobre la vida como obra de arte, en diálogo con las perspectivas de Ailton Krenak (2020) y el pueblo yanomami sobre los sueños, proponemos la educación como un espacio de creación de significado y resistencia. El análisis de los talleres realizados en el Espaço de Arte Contemporâneo, en colaboración con la Casa de los Sueños, en Montevideo, revela cómo estas prácticas promueven la transformación individual y colectiva.

## PALABRAS-CLAVE

Afirmación de la Vida; Artes Visuales; Educación; Modos de Existencia; Sueños.

## Introdução

A interseção entre arte, educação e filosofia abre caminhos para a criação de novos processos artístico-pedagógicos que desafiam as abordagens tradicionais dessas áreas e propõem outros modos de existência. Fundamentando-nos nas ideias de Nietzsche (1994) e Foucault (1983) sobre a vida como obra de arte, em diálogo com as cosmopercepções indígenas brasileiras, refletimos sobre o papel dos sonhos e da educação como forças transformadoras tanto no plano individual quanto no coletivo. Nesse cenário, as experiências vivenciadas durante um intercâmbio acadêmico no Uruguai oferecem uma oportunidade para investigar como tais perspectivas e cosmopercepções se manifestam em projetos educativos e artísticos, promovendo diálogos interculturais e práticas pedagógicas colaborativas.

No primeiro semestre de 2024, um dos autores foi selecionado para participar de um intercâmbio acadêmico na Maestría en Arte y Cultura Visual da Universidade da República do Uruguai (UDELAR). Essa oportunidade foi viabilizada pelo programa Escala de Mobilidade de Pós-graduação da Associação de Universidades do Grupo Montevideu (AUGM).

Simultaneamente ao intercâmbio, ocorreu a participação em uma residência artístico-pedagógica no *Espacio de Arte Contemporáneo* (EAC) em Montevideu, um importante centro de arte contemporânea do Uruguai. O EAC ocupa um edifício histórico que, durante muitos anos, incluindo o período da ditadura militar, serviu como a prisão de Miguelete. Com a redemocratização, o prédio foi transformado em um espaço dedicado à arte contemporânea, sendo inaugurado em 2010. Desde então, o EAC se consolidou como uma referência no cenário artístico do país, acolhendo anualmente diversos artistas e investigadores em residências que integram produção artística, exposições e projetos educativos.

Durante a estadia no EAC, foi possível acompanhar duas exposições. A primeira, intitulada “Imaginar futuros con gestos silenciosos”, teve curadoria de Taina Aceredo e apresentou obras de artistas como Lucila Gradín, Laura Gorski, Janaína Wagner, Jorge Menna Barreto e Joélsón Buggilla. A mostra explorava os gestos silenciosos como formas de conexão, propondo um ecossistema artístico que sugere novas maneiras de colaboração e interação com o ambiente social.

A segunda exposição, “Mapuche: el despertar de las voces antiguas”, do fotógrafo argentino Pablo Piovano, documentava a vida cotidiana do povo Mapuche e seus esforços de recuperação cultural e territorial. Os Mapuches, cujo nome significa “gente da terra”, habitam a Patagônia sul-americana e têm resistido à invasão desde o século XVI, enfrentando genocídios promovidos pelos governos do Chile e da Argentina no final do século XIX. Até hoje, as comunidades Mapuches lutam para proteger suas terras e recursos naturais contra indústrias extrativistas.

Durante a residência, também foi possível conhecer o artista italiano Francesco Bartoli que estava desenvolvendo uma exposição intitulada “ECOS: la fuerza de los fragmentos”, em colaboração com mulheres indígenas Charrúas. A exposição focava

na cultura material e na memória oral dos povos nativos do Uruguai, explorando simbolismos de rituais de nascimento, morte e transição, bem como sua conexão com o ambiente natural. A mostra destacava as relações entre ecos e cosmos, espiritualidade e materialidade, terra e céu, criando um mapa poético que resgata a cultura indígena no país.

No período do intercâmbio, as temáticas exploradas pelas mostras mencionadas já faziam parte do projeto de pesquisa do Mestrado em Educação ao pensar *modos de existência que afirmam a vida*, dialogando com as ideias de Nietzsche e Foucault. Do mesmo modo, interessavam à pesquisa os sonhos, inspirados na cosmopercepção dos povos Krenak e Yanomami e nos estudos de Sidarta Ribeiro (2019) e Tim Ingold (2012).

Naquela ocasião, junto ao *Espacio de Arte Contemporáneo* (EAC), um dos autores foi convidado pela equipe educativa a desenvolver uma proposta artístico-educativa que dialogasse tanto com as exposições quanto com as investigações de mestrado em andamento. Como parte desse processo, foram realizadas duas oficinas em parceria com a *Casa de Los Sueños*, mediada por Valéria Cabrera, coordenadora do programa de atendimento ao público.

A *Casa de los Sueños*, localizada em Montevideu, é um projeto cultural e comunitário que visa criar um espaço de produção artística, educativa e laboral para pessoas em situação de desigualdade e discriminação. Voltado para grupos em situação de vulnerabilidade, como pessoas em situação de rua, ex-detentos, idosos, mulheres, populações afrodescendentes e LGBTQIA+, o projeto tem como objetivo combater a estigmatização e promover a autonomia, valorizando trajetórias pessoais e incentivando o desenvolvimento social e cultural. A Casa conta com o apoio da UNESCO e propõe um ambiente onde os sonhos das pessoas podem se materializar, promovendo dignidade e desenvolvimento social por meio da valorização das trajetórias pessoais.

A partir desse contexto de interação nas oficinas, alinhado à questão abordada na pesquisa de mestrado, foi proposta a seguinte problematização como ponto de partida: *como podemos produzir modos de existência que afirmem a vida entre arte, sonhos e educação?* Outrossim, o objetivo central permeou investigar de que modo a perspectiva a/r/tográfica poderia contribuir para produzir formas de afirmar a vida nos projetos educativos desenvolvidos pelo *Espacio de Arte Contemporáneo* em colaboração com a *Casa de Los Sueños*.

## Metodologia

### A/r/tografia

Para conduzir este percurso, recorreremos à metodologia da a/r/tografia, proposta por Rita Irwin e Belidson Dias. Essa abordagem desafia as fronteiras tradicionais, deslocando-se entre os papéis do artista, pesquisador e professor. A sigla A/R/T é

uma metáfora para *Artist* (artista), *Researcher* (pesquisador), *Teacher* (professor) e *Graph* (grafia: escrita/representação), refletindo a ideia de que a prática artística, a investigação e as práticas pedagógicas podem manter um diálogo contínuo e dinâmico (Dias, 2022, p. 26). Segundo Belidson Dias, “O artógrafo, praticante da artografia, integra esses múltiplos e flexíveis papéis em sua vida profissional, sem se preocupar com uma identidade fixa, apenas com papéis temporários” (Dias, 2022, p. 16).

Um dos conceitos centrais da a/r/tografia é o da “Pesquisa Viva”, em que a pesquisa não é algo que se adiciona externamente à vida do pesquisador, mas sim se entrelaça profundamente com ela, fazendo da própria vida o espaço de investigação (Irwin, 2022, p. 31). Nesse contexto, o processo investigativo torna-se tão, ou até mais, significativo do que a representação dos resultados obtidos (Irwin, 2022, p. 32). Artistas e educadores, ao se engajarem nesse tipo de pesquisa, exploram questões que despertam suas curiosidades, sensibilidades estéticas e os conceitos que influenciam suas aprendizagens. Esses processos constituem as raízes de uma “Pesquisa Viva”, que é assim denominada por exigir uma constante atenção à vida e às suas transformações ao longo do tempo (Irwin, 2022, p. 32).

A abordagem a/r/tográfica, ao integrar os papéis do artista, educador e pesquisador, desafia tanto a hegemonia da escola como o principal espaço de educação quanto ao poder das instituições tradicionais do mundo das artes. Os artógrafos, “comprometidos com os atos de aprendizagem e a compreensão e a interpretação dentro de comunidades de aprendizagem” (Irwin e Springgay, 2022, p. 137), propõem uma abordagem que questiona os limites das instituições como espaços oficiais de legitimar os saberes e buscam a criação de circunstâncias que produzam conhecimento por meio de processos artísticos e educacionais que atentem à pesquisa (Irwin e Springgay, 2022, p. 138).

É também por meio desta perspectiva que se entrecruzam os saberes da experiência vivida no que tange percepções de mundo, suas representações e significações atreladas a cada contexto cultural, destacando o interesse pelo caráter singular do artógrafo que experimenta e atravessa o percurso investigativo.

No âmbito pedagógico das experimentações artísticas, da pesquisa e da docência, por esta via estão entrelaçadas relações subjetivas e criativas no modo como podem ser acionados percursos coletivos de compartilhamento de saberes ancestrais e contemporâneos, trazendo à tona justamente sua intrínseca relação como uma possibilidade “para pensar e propor outros modos de existência”. Isto é, modos que permitam abertura ao diálogo, à experimentação e à criação, rompendo com formas rígidas de conhecimento e educação.

## Oficina de Criação do Diário dos Sonhos

A oficina foi desenvolvida em dois encontros consecutivos, nos dias 20 e 21 de junho de 2024, com aproximadamente 20 participantes da Casa de los Sueños. A metodologia adotada integra a arte e a educação, partindo da a/r/tografia como ponto de intersecção dos papéis de artista, educador e pesquisador.

### Primeiro Encontro

O primeiro encontro ocorreu no dia 20 de junho no *Espacio de Arte Contemporáneo* (EAC), onde os participantes visitaram duas exposições: “*Mapuche: el despertar de las voces antiguas*”, que documenta a vida e a resistência do povo Mapuche, e “*Imaginar futuros con gestos silenciosos*”, que explora formas de conexão e colaboração artística. A mediação foi conduzida pelas educadoras Valéria Cabrera e Josefa Sanes, que contextualizaram as obras, promovendo uma reflexão sobre os gestos de resistência e o papel da arte na preservação ambiental e cultural.

Após a mediação, foi compartilhada a pesquisa de mestrado em andamento, focando nos “modos de existência que afirmam a vida”, conceito que vem sendo desenvolvido na investigação. Partindo de um relato de experiência em torno ao processo artístico pessoal, destacando a integração dos sonhos como uma forma de conexão com a criação. Essa primeira parte da oficina foi fundamental para introduzir a ideia dos sonhos como possibilidade inventiva e de transformação pessoal e coletiva, temática que seria expandida no segundo encontro.

Após essa discussão, foi proposta a criação do *Diário dos Sonhos*, utilizando técnicas artesanais de encadernação. Cada participante foi convidado a criar e personalizar seu diário, que seria um espaço para registrar artisticamente seus sonhos. Essa atividade prática visou não apenas o desenvolvimento de habilidades manuais, mas também proporcionar um espaço simbólico para a materialização de suas experiências oníricas por meio de representações visuais.

### Segundo Encontro

No dia 21 de junho, na Casa de los Sueños, aprofundamos a discussão teórica com ênfase na perspectiva indígena sobre os sonhos fundamentada nas cosmologias dos povos Krenak e Yanomami. Para embasar essa discussão, partimos dos textos de Ailton Krenak (2020) e Davi Kopenawa (2010), juntamente a Sidarta Ribeiro (2019) e Tim Ingold (2012), enfatizando o papel dos sonhos no modo de impulsionar processos criativos na vigília.

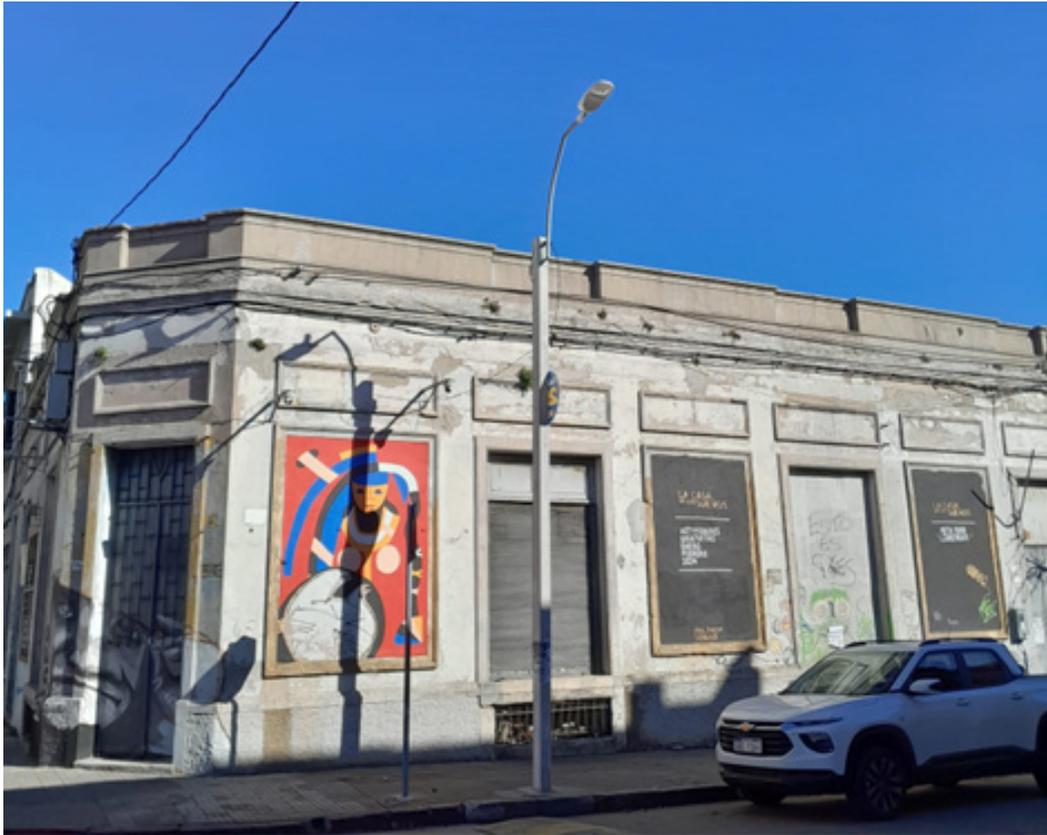


Fig. 1. Benjamin Costa, Casa de los Sueños, 2024. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

## Referencial Teórico

### Modos de Existência que Afirmam a Vida

Michel Foucault propõe um deslocamento do foco da filosofia, que vai além do exercício intelectual para se tornar uma prática cotidiana. Para Foucault, a filosofia deve ser vivida intensamente, transformando-se em um “modo de vida”. Inspirado nas práticas da antiguidade greco-romana e atravessado pelo pensamento nietzschiano, ele resgata a concepção de filosofia como uma arte de viver, na qual práticas de autoconhecimento e cuidado de si são fundamentais. Foucault argumenta que a filosofia, entendida como modo de vida, envolve uma série de práticas éticas e estéticas que possibilitam os indivíduos a criarem suas existências de forma consciente e autônoma (Ribeiro, 2020).

Esse enfoque transforma a filosofia, tornando-a um conjunto de práticas que desafiam as formas de poder e dominação, possibilitando que os indivíduos se tornem os autores de suas próprias vidas. O pensamento de Foucault não só nos permitiu, mas ainda nos convidam a pensar novas possibilidades de existência. Ele observou o século XX organizado em torno de instituições sociais sólidas, cuja função era garantir a ordem, mas que também afetam nossa subjetivização e nossos modos de viver. No texto “Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michel Foucault”, Fernando Padrão de Figueiredo destaca:

A noção de modos de vida é o contrário de uma vida regulada, sufocada por mecanismos de controle, de assujeitamento excessivo. Indivíduos que são produzidos para amar a obediência, mas que no limite de suas vidas se mostram como subjetividades capturadas por paixões tristes, subjetividades arrasadas, ou como nos diz Gregório Kazi, que se inserem 'em tal lógica de reprodução de subjetividades estouradas, subjetividades pulverizadas em nome da 'harmonia social' (Figueiredo, 2010, p. 296).

Por meio dessas reflexões, podemos entender como a conformidade com a ordem social pode levar à produção de subjetividades fragmentadas e desprovidas de autonomia criativa. Entretanto, talvez seja por meio do cuidado de si que os indivíduos possam resistir às normas sociais, criando estilos de vida mais autênticos e que respondam às suas singularidades. Como nos propõe o pensamento de Foucault, é na luta com o material do mundo que se produz uma obra e que, nesse processo, o sujeito também se produz, inventando uma vida, moldado no tensionamento entre forças. Chegamos assim a um estado de imanência, onde a própria vida se torna a matéria-prima de um movimento de estilização: um modo de existência.

Friedrich Nietzsche (1994), em sua perspectiva, propõe modos de afirmar a vida que desafiam as convenções morais e religiosas. Em obras como *Assim Falou Zaratustra* (1994) e *A Gaia Ciência* (2003), Nietzsche enfatiza a importância de viver uma vida afirmativa, onde o indivíduo aceita e transforma todas as experiências, sejam elas boas ou ruins, em algo significativo e belo. Este conceito é evidenciado na ideia do "amor fati".

Para Nietzsche (1994), afirmar a vida significa criar e viver segundo valores próprios, rejeitando as imposições externas. Ele vê a vida como uma obra de arte contínua, onde cada indivíduo é responsável por moldar sua existência de acordo com sua vontade e criatividade. O filósofo acredita que, ao viver de maneira afirmativa, os indivíduos podem atravessar as limitações impostas pela sociedade e realizar seu pleno potencial: "torna-te quem tu és!" (Nietzsche, 1882).

Foucault e Nietzsche compartilham a perspectiva de que a vida deve ser vivida de maneira consciente e criativa. Ambos defendem a importância de desafiar as normas estabelecidas e promover a autoformação. Enquanto Foucault enfatiza as práticas cotidianas e a filosofia como modo de vida, Nietzsche destaca a criação de novos valores e a vida como uma obra de arte.

## Sonhos

Os sonhos, conforme o líder indígena brasileiro Davi Kopenawa descreve em *A Queda do Céu*, não são meras imagens noturnas, mas comunicações profundas dos *xapiri*, os espíritos ancestrais Yanomami. Esses sonhos revelam mensagens e alertas que conectam o mundo sensível dos Yanomami com o universo espiritual, orientando suas práticas e resistências. Kopenawa narra que os *xapiri* lhe mostraram em seus sonhos

a destruição do céu, uma metáfora para o colapso cultural e ambiental causado pela invasão dos não-indígenas (napë), cujas ações destrutivas têm devastado a floresta e a vida do povo Yanomami (Kopenawa & Albert, 2010).

Hanna Limulja, em sua etnografia dos sonhos Yanomami, complementa essa visão ao destacar como o sonho atua como um meio essencial de comunicação com o mundo espiritual. Para os Yanomami, o sonho possui uma função coletiva, sendo compartilhado em rodas de conversa, onde os relatos oníricos são analisados como elementos vitais da dinâmica social e cultural. Assim, o sonho não é visto apenas como uma experiência individual, mas como uma maneira de fortalecer a identidade cultural e resistir às imposições externas (Limulja, 2020). A conexão com o passado, com os ancestrais e com a natureza é reiterada em cada sonho, mostrando como essas visões noturnas entrelaçam-se com o cotidiano Yanomami.

De acordo com o neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro, para sonhar com emoções fortes é preciso vivenciar as experiências na vigília, pois as memórias são a matéria do mundo onírico. Na cultura ocidental contemporânea, os sonhos frequentemente perdem seu valor, assim como o tempo dedicado ao sono. Estamos tão imersos na aceleração e sobrevivência do cotidiano, que mal conseguimos encontrar tempo para dormir, sonhar e compartilhar essas experiências (Ribeiro, 2019).

Segundo o líder indígena Ailton Krenak, as subjetividades de nossos antepassados ainda persistem em nossos sonhos. Os povos caçadores sonham de uma maneira, enquanto os agricultores de outra, mesmo que não haja mais caça ou plantações para cultivar. Krenak, em seu livro *A vida não é útil*, 2020, afirma que sonhar é uma prática que pode ser interpretada como parte do costume cultural, não sendo algo feito em público, mas sim de forma íntima: *sonhar é um lugar de veiculação dos afetos*.

Afetos no vasto sentido da palavra: não falo apenas de sua mãe e seus irmãos, mas também de como o sonho afeta o mundo sensível; de como o ato de contá-los é trazer conexões do mundo dos sonhos para o amanhecer, apresentá-los aos seus convivas e transformar isso, na hora, em matéria intangível (Krenak, 2020, p 37).

Os sonhos, portanto, não podem ser dissociados das experiências vividas e da forma como interagimos com o mundo. Eles funcionam como uma ponte entre o visível e o invisível, criando novas formas de entendimento e adaptação, como destaca Sidarta Ribeiro (2019), ao afirmar que são as vivências cotidianas que fornecem a matéria-prima para aquilo que sonhamos. No caso dos Yanomami, os sonhos carregam a força da ancestralidade, um conhecimento transmitido por gerações e que orienta suas práticas de resistência e sobrevivência.

O antropólogo Tim Ingold, ao discutir a interconexão entre realidade e imaginação, contribui para a compreensão de como os sonhos podem ser vistos não como uma fuga da realidade, mas como uma extensão criativa da vida cotidiana. Ingold problematiza a dicotomia ocidental entre o imaginário e o real, argumentando que “o imaginário não precisa ser visto como uma fuga da realidade, mas como seu impulso” (Ingold, 2012, p.17). Isso ressoa profundamente com a perspectiva

Yanomami de que os sonhos são uma via de comunicação essencial para o equilíbrio entre o humano e o não-humano, entre o presente e o ancestral.

Dessa forma, ao reconhecer a centralidade dos sonhos nas culturas indígenas e na neurociência, somos convidados a refletir sobre como os sonhos podem atuar como ferramentas de resistência, adaptação e criação. Eles permitem uma reconexão com o ambiente natural e espiritual, desafiando separações rígidas entre realidade, imaginação e espiritualidade. Assim, o estudo dos sonhos é capaz de nos oferecer caminhos distintos para compreender como podemos afirmar a vida em suas múltiplas dimensões, integrando saberes ancestrais e contemporâneos em um contínuo processo de criação e resistência, sobretudo alimentados pelas dimensões estéticas e sensíveis.

## Casa de Los Sueños

A Casa de los Sueños é um projeto cultural e sociocomunitário que busca criar um ambiente de criação e produção artística, educativa e laboral para pessoas em situações de desigualdade. Sob a coordenação de Luis Parodi e Walter Ferreira, ambos com vasta experiência no trabalho com populações vulneráveis, o projeto pensa a potência da arte e da cultura como meios de transformação social e pessoal, combatendo a estigmatização e promovendo a humanização.

A Casa, que tem apoio da UNESCO, oferece uma gama de atividades, desde aulas de ioga até oficinas de serigrafia, sempre com o intuito de que os projetos desenvolvidos ali possam se sustentar de forma autônoma, mesmo após o término do apoio institucional. Um dos objetivos principais é que a Casa de los Sueños seja um espaço onde as pessoas possam não só sonhar, mas também transformar esses sonhos em realidade, promovendo o desenvolvimento social e humano por meio de iniciativas culturais e artísticas.

ACTIVIDADES GRATUITAS					
LUNES	MARTES	MIÉRCOLES	JUEVES	VIERNES	SÁBADO
				SERIGRAFÍA	
				SERIGRAFÍA	
				SERIGRAFÍA	
	EXPRESIÓN PLÁSTICA	CANCIÓN COLABORATIVA	RADIO EDITORIAL	PRODUCCION MUSICAL	ESPACIO FERMENTARIO
	EXPRESIÓN PLÁSTICA ENCUADERNACIÓN	CANCIÓN COLABORATIVA	RADIO EDITORIAL AJEDREZ	PROD MUSICAL HUERTA	ESPACIO FERMENTARIO
RADIO SERIGRAFÍA	EXPRESIÓN PLÁSTICA ENCUADERNACIÓN ESPACIO SEMILLA	CANCIÓN COLABORATIVA	RADIO/EDITORIAL AJEDREZ/YOGA	PROD MUSICAL HUERTA ESPACIO PALABRA	ESPACIO FERMENTARIO
RADIO SERIGRAFÍA	ENCUADERNACIÓN ESPACIO SEMILLA	CANCIÓN COLABORATIVA	RADIO EDITORIAL YOGA	PROD MUSICAL HUERTA ESPACIO PALABRA	
RADIO SERIGRAFÍA				HUERTA ESPACIO PALABRA	

Fig. 2. Benjamin Costa, *Casa de los Sueños*, 2024. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Em uma tarde de junho de 2024, um dos autores foi recebido por Walter Ferreira para planejar a oficina, firmando uma primeira parceria entre a *Casa de los Sueños* e o *Espacio de Arte Contemporáneo*. Durante a conversa, Walter destacou que, ao contrário de outros espaços que interrogam as pessoas em situação de vulnerabilidade sobre seu passado para criar uma “ficha”, ele preferia perguntar: “Qual é o seu sonho?”. Esse sonho era anotado e guardado em um vidrinho, criando uma “memória dos sonhos” dos participantes daquela casa.

Conversando com Walter sobre a proposta de realizar o *Diário dos Sonhos*, no qual são ensinadas técnicas de encadernação artesanal para a criação de pequenos cadernos que incentivam o registro de sonhos, ele mostrou-se interessado na proposta e vislumbrou a possibilidade de utilizar esse material como uma ferramenta investigativa, semelhante a um *diário de artista*.

O primeiro encontro da oficina ocorreu em 20 de junho de 2024, com cerca de 20 participantes de idades entre 20 e 60 anos. Muitos estavam visitando um museu pela primeira vez. Valéria Cabrera e Josefa Sanes, educadoras do EAC, receberam o grupo com uma mediação inicial sobre as exposições “Mapuche: el despertar de las voces antiguas” e “Imaginar futuros con gestos silenciosos”. Essa visita permitiu aos participantes conectar-se com diferentes visões culturais e artísticas, precedendo o início das atividades propostas.

Após uma breve fala de boas-vindas, compartilhamos alguns percursos investigativos sobre a relação entre sonhos e arte, introduzindo a série “Imagens Vitais”, que atualmente integram as discussões da pesquisa de mestrado. Essa série fotográfica nasce de um sonho, em que os diários utilizados para registrar imagens, símbolos e mensagens vindas do mundo onírico constituem um dos aspectos preponderantes do percurso investigativo. Durante a apresentação, foram compartilhadas também algumas estratégias que poderiam acionar a criação artística, explorando o modo como os sonhos podem configurar-se como fontes de inspiração e material para o processo criativo.

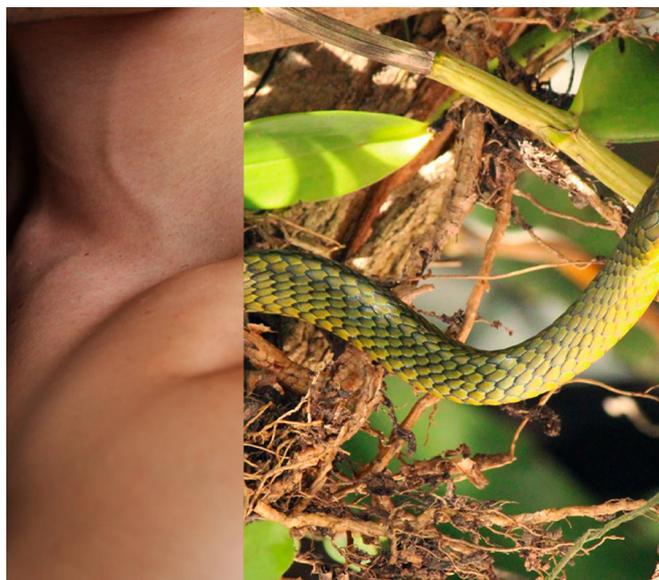


Fig. 3. Benjamin Costa, *Imagens Vitais*, 2024. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Após, ao propor a criação do “Diário dos Sonhos”, foi colocado em relação a obras presentes no espaço, como “Anacahuita” (2023) de Lucila Gradín, que utiliza o pigmento da árvore Anacahuita para criar um mural imersivo, evocando um ambiente de proteção e descanso. Discutiu-se sobre a simbologia dessa árvore como “guardiã dos sonhos e dos viajantes”, conectando-a às cosmopercepções indígenas exploradas nas oficinas.

Apesar do ambiente museológico formal, o grupo quebrou a rigidez ao trazer um violão, cantar e participar de maneira criativa. Também criaram os diários para registrar suas experiências e a partir disso, produziram inúmeras intervenções poéticas e visuais. Alguns escreveram poemas, outros preencheram todas as páginas com imagens, reinventando a proposta inicial e trazendo suas próprias contribuições para a experiência compartilhada. Um senhor, por exemplo, contou que havia sido um preso político e usou uma estrela amarela para simbolizar sua resistência, e um poema foi inserido nas páginas de seu caderno.

A vitalidade e a vontade criativa do grupo transformaram o espaço em uma pesquisa viva, gerando uma experiência coletiva de produção de sentidos e significados, enredada pela arte como propulsora destas vivências, e, do mesmo modo, profundamente educativa ao nos possibilitar perceber a potência dos movimentos coletivos para aquilo que consideramos como modos de existência que afirmam a vida.



Fig. 5. Benjamin Costa, Oficina Diários dos Sonhos, 2024. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No dia 21 de junho, o segundo encontro foi realizado na Casa de los Sueños. Este dia foi marcado por um aprofundamento teórico, onde foram apresentados conceitos centrais sobre sonhos e educação, com base nas perspectivas de Ailton Krenak e Davi Kopenawa. A Casa de los Sueños, com sua missão de promover o desenvolvimento social e humano, foi acolhedora para essa troca de saberes. Alguns participantes começaram a compartilhar suas experiências oníricas, antecipando a próxima etapa da oficina. Uma das participantes trouxe seu caderno preenchido com um poema inspirado pelo primeiro dia de oficina, enriquecendo a discussão

Um dos momentos mais marcantes da oficina ocorreu durante a apresentação sobre a interconexão entre sonho e realidade, uma ideia defendida por estudiosos como Tim Ingold, que vê o sonho como um impulso criativo para a vida cotidiana. Enquanto se comentava que, na perspectiva do autor, o sonho não se separa completamente da realidade, mas a impulsiona, um dos participantes se levantou e colou três Post-its sobre a projeção na parede.

No primeiro papel, colocado na parte correspondente ao “sonho”, ele escreveu o sonho que tinha ao entrar na Casa de los Sueños. No centro, colocou um papel escrito “Casa de los Sueños”, que seria a interconexão entre sonho e realidade. Por fim, na parte marcada como “realidade”, ele descreveu como a *Casa de los Sueños* estava ajudando-o a transformar seus sonhos em realidade. Esse movimento mostrou, portanto, que o que estávamos discutindo não era apenas uma teoria, mas uma prática viva, com ressonâncias vitais para as pessoas ali presentes.



Fig. 6. Benjamin Costa, Oficina Diários dos Sonhos, 2024. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A partir desse momento, Walter, percebendo o gesto, foi até a projeção e, com uma caneta permanente, riscou a parede da Casa de los Sueños, afirmando que aquele movimento tinha grande significado para o grupo ali presente. Em seguida, incentivou os demais participantes a fazerem o mesmo, ressaltando que a Casa de los Sueños consistia em um espaço onde seus sonhos poderiam ser materializados. No

desenho final, dois círculos conectados formavam o símbolo do infinito, sugerindo que esse processo de transformação entre sonho e realidade seria cíclico e contínuo.

Ao finalizar, a oficina foi uma oportunidade para explorar como arte, sonhos e educação podem se entrelaçar na produção de modos de afirmar a vida. Ao trazer os sonhos para o processo criativo, convidamos os participantes a acessarem imagens e narrativas que emergem do inconsciente, permitindo que suas subjetividades se manifestassem no contexto artístico e educativo. Esse processo, inspirado nas cosmopercepções dos povos Krenak e Yanomami, valoriza os sonhos como fontes de inspiração que impulsionam movimentos na vigília. Afirmer a vida, nesse contexto, implica aceitar tanto os sonhos quanto os “pesadelos”, reconhecendo que todo o conteúdo que surge no inconsciente pode ser utilizado para realizar processos criativos e reflexivos. Assim, o projeto proporcionou aos participantes um espaço para dialogar com essas imagens internas, promovendo uma abordagem ampliada da criação artística, onde as fronteiras entre arte e vida se estreitam, se entrelaçam, se alimentam e amplificam.

Essa experiência revelou o poder da resignificação do ato de sonhar como ponto de partida para a reconfiguração de realidades (Ingold, 2012). No espaço híbrido da oficina, os sonhos se tornaram um território de investigação individual e coletiva, onde a arte não foi apenas um meio expressivo, mas uma forma de habitar o mundo. Através da conexão entre arte, educação e sonhos, não apenas exploramos nossas experiências oníricas, mas também nos permitimos propor novas maneiras de nos afirmarmos e expressarmos nossas inconstâncias diante do mundo.

## Conclusão

Participar e compartilhar experiências de criação junto ao EAC proporcionou aprendizado coletivo, especialmente ao integrar a abordagem artográfica aos fazeres experimentais desenvolvidos nas oficinas, bem como o fomento ao protagonismo de cada participante. A Casa de los Sueños, com o trabalho inspirador de Walter Ferreira e Luis Parodi, mostrou-se um espaço de grande impacto social, sobretudo pelo modo como opera em seu funcionamento: horizontal, inclusivo, que parte da escuta generosa daqueles grupos que em outros espaços sociais talvez não tivessem a mesma abertura.

Para além da vivência acadêmica, encontros significativos também se revelaram transformadores. Valéria, educadora do Espaço de Arte Contemporânea (EAC) e figura essencial nesse processo, teceu conexões que abriram caminho para novas discussões e ampliaram focos de interesse de forma imersiva, incluindo distintas vozes e matizes às experiências coletivas.

Essa colaboração possibilitou uma pesquisa viva, horizontal e fluida, livre de rigidez, atravessada por um fluxo que conectava a Casa de los Sueños e seus

participantes de maneira afetiva e generosa. Nesse percurso, os estudos sobre a afirmação da vida, inspirados em etnias indígenas brasileiras e nas ideias de Ailton Krenak e Davi Kopenawa, ganharam nova dimensão — uma que nos convida a repensar a educação como um tecido de colaboração, enraizado nos saberes da vida vivida. Trata-se de um olhar sensível para as coisas do mundo, um convite à reconexão com as forças planetárias que regem nossa existência, indo além dos limites impostos pelos currículos instituídos.

Assim sendo, percebeu-se que, assim como no Brasil, no Uruguai também há uma luta de resistência dos povos indígenas, pela afirmação da vida e pela preservação dos sonhos e tradições, um movimento que se caracteriza por sua natureza coletiva e colaborativa. No entanto, é importante destacar que, em comparação com o Brasil, o genocídio dos povos nativos no Uruguai foi ainda mais devastador, resultando em uma história que, em grande parte, foi apagada. Neste ínterim, levamos a Montevideu um pouco do calor e das perspectivas brasileiras sobre os sonhos, especialmente a força indígena que os vê como uma via de transformação e resistência.

Para finalizar, ao retomarmos a pergunta que abre esta escrita “como produzir modos de afirmar a vida entre sonhos, arte e educação?”, reiteramos nosso desejo pela utopia: sonhar como mundos possíveis, alimentar nossa humanidade com saberes ancestrais embalados por nossas demandas atuais no que tange a nossa formação enquanto sujeitos em transformação. Na contramão da lógica hegemônica, não buscamos a resposta cartesiana, mas da possibilidade. Há muitos modos de afirmar a vida entre sonhos, arte e educação. O que aprendemos a partir desta experiência coletiva foi (entre tantos possíveis) que a arte, os sonhos e a educação se entrelaçam como formas de resistência e resignificação. Ao dialogarmos com saberes ancestrais e ao experimentarmos práticas educativas e artísticas vivas, descobrimos que é possível afirmar a vida não apenas como um conceito filosófico, mas como uma prática diária, alimentada pela imaginação e pela criação. Esses modos de existência que afirmam a vida nos convidam a repensar a própria relação com o mundo, a reconstituir realidades e a construir futuros que sejam mais sensíveis, colaborativos e respeitosos com as múltiplas formas de existência.

## Referências

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

FIGUEIREDO, Fernando Padrão de. Arte de viver, modos de vida e estética da existência em Michel Foucault. **Revista Ítaca**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 10, p. 290-299, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

INGOLD, Timothy. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: STEIL, Carlos; CARVALHO, Isabel (Org.). **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012. (Coleção Antropologia Hoje).

INGOLD, Timothy. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Revista Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

INGOLD, Timothy. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de matérias. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **A queda do céu: palavras de um xamã yanomami**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NASCIMENTO, Aline Ribeiro. Ressonâncias de Nietzsche em Foucault: o encontro criativo da flecha do pensamento. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 11, n. 1, p. 160-184, 2015. ISSN 2178-1036.

LIMULJA, Hanna. **O desejo dos outros: uma etnografia dos sonhos yanomami**. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

NIETZSCHE, Friedrich. **A gaia ciência**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: de como a gente se torna o que a gente é**. Porto Alegre: L&PM, 2003.

RIBEIRO, Cintya Regina. "Modos de existência" como dispositivo teórico-conceitual: contribuições de Michel Foucault e Étienne Souriau à pesquisa educacional. **ETD - Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v. 22, n. 4, p. 912-930, 2020. DOI: 10.20396/etd.v22i4.8655333.

RIBEIRO, Sidarta. **O oráculo da noite: a história e a ciência do sonho**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

**Submissão:** 15/10/2024

**Aprovação:** 18/03/2025